

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Joaquim Pinheiro
José Ribeiro Ferreira
Nair Castro Soares
Rita Marnoto

CAMINHOS DE PLUTARCO NA EUROPA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A TRAGÉDIA *CATÃO* DE ALMEIDA GARRETT. COLHEITA EM PLUTARCO

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
(Universidade de Coimbra)

O próprio Garrett afirma no prefácio da tragédia *Catão* que a sua composição muito deve à leitura e manuseamento da obra de Plutarco, em especial das «vidas de *Catão* (o menor ou uticense) e de *César*», «para me familiarizar e pôr, como se fora de casa, com os meus autores». Ora a comunicação procurará analisar esse débito, confessado, ao autor de *Queroneia*.

Almeida Garrett teve uma formação clássica e conhecia bem a história e a cultura da Grécia e de Roma antigas. Mesmo depois de, na abertura da *Dona Branca*, que cuja publicação coincide com a data de saída da primeira obra romântica, ter abjurado os «Áureos numes de Ascreu, ficções risonhas / Da culta Grécia amável» (1848) continuou a conviver com os clássicos. São muitas as citações, alusões e referências mesmo em obras emblemáticas do Romantismo, como *As Viagens na Minha Terra* e *o Arco de Santana*.

Desses autores clássicos, Plutarco é dos mais recorrentes, talvez apenas superado por Homero, Virgílio, Horácio e Aristóteles.¹ Almeida Garrett foi

¹ Almeida Garrett 1963: 739 considera que Plutarco deve ser lido.

Nomeia Plutarco explicitamente cerca de 15 vezes, mas o polígrafo de *Queroneia* está subjacente num número considerável

um homem comprometido com a Revolução Liberal de 1820, um homem que, a favor da liberdade, luta contra a tirania. Daí que alguns dos retratos nas *Vidas* de Plutarco sejam frequentemente nomeados. Catão de Útica é um desses heróis que são apontados como paradigma de lutadores da liberdade contra a tirania. A esse nobre romano dedicou a tragédia *Catão*, em cinco actos, além de ainda o nomear em outras obras cerca de uma vintena de vezes. Cito apenas uma passo dos vários que nos dão essa visão paradigmática de Catão. Garrett refere que em 1832, decorridos cinco anos de perseguições dos absolutistas aos liberais, com prisões, desterros, tinham desaparecido muitos democratas de 1820, mas que, apesar disso, permaneceram alguns que são equiparados a Aristides, a Catão, a Bruto – todos heróis de Plutarco (1963 I: 1229):

alguns, e estes eram já bem pouco atidos às reminiscências das escolas, continuaram a ser Aristides, Catões, e Brutos e nem sequer se lembraram de que sobre as cinzas desses varões ilustres, cujas ideias eram inegavelmente progressivas na época em que eles viveram, pesavam já mais de dois mil anos.²

A tragédia *Catão* – cuja primeira edição surge em 1822, em plena euforia da Revolução liberal de 1820, e a 2ª em 1830 significativamente alterada e espelhando

de referência aos seus biografados, lendários ou históricos.

² O passo é tirado dos “Estatutos da Sociedade Conservadora do Sistema Monárquico representativo em Portugal”, datados de 8 de Julho de 1841.

desencanto e conformismo – vai buscar o seu assunto aos últimos momentos de vida do protagonista que se identificam com a resistência das forças republicanas em Útica ao domínio de César – episódio que culmina com o suicídio de Catão. São objectivos desta tragédia a exortação ao amor da liberdade e, ao mesmo tempo, incitação ao espírito de moderação e de respeito da lei.

O Acto I informa-nos sobre a vitória de César sobre Pompeu, a situação delicada em que se encontram os defensores da Roma Livre, agrupados em Útica em volta de Catão, e ainda sobre as esperanças de cada um nas decisões da reunião que estão prestes a iniciar e que consideram o verdadeiro senado romano. Através de diálogos e monólogos as figuras apresentam-se, manifestam-se e descobrem mesmo os seus intentos: Catão, o homem estóico, honrado, impoluto, defensor acérrimo da liberdade que prefere a morte a submeter-se à tirania de César; Marco Bruto, jovem exaltado e sempre pronto a enfrentar César, ansioso mesmo em derramar o sangue do tirano;³ Mânlio, um homem moderado, conciliador e sensato; o filho de Catão, Pórcio, que admira o pai e acaba por encontrar a morte

³ Garrett critica censura esta exaltação e violência que não trazem quaisquer resultados práticos. Assim na peça (Acto II, cena 1) Bruto aparece possuído de furor, de «heroísmo vão», de delírio que «Crimes perpetra por acções de glória». Para Catão, se é dever do homem honrado lutar pela libertação do país, não basta derramar o sangue do tirano para eliminar a tirania, como sublinha no Acto IV, cena 3:

.....as cem frentes dessa hidra
Se reproduzem sempre, e dobram, crescem.
Por uma, que decepas, mil surgem.

em consequência da traição de Semprônio, que, na tragédia, é um demagogo adulator da plebe e que, por inveja e ódio a Catão, não só se coloca ao lado de César, procurando escancarar as portas de Útica ao exército do ditador, como tenta também aliciar algumas das parcas forças de defesa desse grupo de resistentes; Juba, o jovem rei da Númida que tem por Catão uma adoração de filho e o apoia com o seu exército; Décio enviado de César e amigo de Bruto; e o Povo, sobretudo presente no último Acto pelo seu desespero, mas também pela confiança e estima por Catão.

O Acto II é quase todo ocupado com a assembleia desse grupo de romanos que vai decidir se devem aceitar o domínio de César ou resistir. E os mais exaltados defensores da guerra são o traidor Semprônio e Marco Bruto.

Perante a ameaça velada de Décio, todos gritam guerra, quando Catão pergunta à assembleia se prefere a paz de César ou continuar a luta. Semprônio é um dos mais exaltados e acérrimos defensores da não cedência. Eis palavras suas (cena 5 do Acto II):

Contas assim tão certo coa vitória?
.....
Já súplices nos crês aos pés de César?
Já por escravos teus nos imaginas?
De nossas forças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo
Que essas temidas legiões rechassem.

A que Catão responde que um «Romano, Semprônio, nunca mente» e que estão débeis, as muralhas são frágeis, «poucos moribundos soldados» as defendem, pelo que «pouco resta / Para a espada de César».

O primeiro vai mesmo ao ponto de, hipocritamente, gritar “liberdade ou morte” e de propor que nem sequer se receba Décio, enviado do ditador; e acaba por afirmar que a condescendência em escutá-lo discorda dos princípios de Catão. Mas este, que conhece bem Semprônio, denuncia-lhe a hipocrisia, verbera-lhe o fanatismo, considerando que nem merecedor é de suspeita (cena 4 do Acto II); de seguida apresenta a Décio as condições para deporem as armas (cena 5 do Acto II): desarmar as legiões, depor a púrpura, abdicar da ditadura, voltar à situação de simples cidadão, veremos adiante (p. 11 ou).

O Acto III é ocupado pela revelação de que Marco Bruto é filho de César e de uma irmã de Catão que o ditador desonrara e abandonara e pela tentativa de aliciamento fraudolento de Juba por parte de Semprônio que leva o jovem rei númida a colaborar com as forças atacantes, julgando estar a salvar Catão.

A Acto IV passa-se durante a noite com o ataque de surpresa das forças de César e a descoberta da traição de Semprônio. Marco Bruto, que pensara ser Mânlio o verdadeiro traidor, manifesta a sua incredulidade e expressa a sua confusão nestas palavras (cena 3 do Acto IV): ao sublinhar que Semprônio nem pelas gracos era ultrapassado na veemência da oratória e

Semprónio!... que – a Tibério já não digo,
Mas nem a Caio Graco na veemência
Do orar cedia, que à mais leve idea
De servidão bramia mais terrível!...

Catão faz-lhe ver que «o crime tem outro semblante», que não o de Mânlio, e aconselha-o a aprender «a ler no coração dos homens / Pelas linhas da frente» e a desconfiar do muito «Zelo em palavras», porque «discreto, parco delas / É o verdadeiro amor da liberdade» (cena 3 do Acto IV). Entretanto Juba – que detectado o logro, lutara bravamente pela defesa de Útica – entra, com Pórcio moribundo e Semprónio algemado, e conta toda a traição deste último. Apesar da dor pela morte do filho, Catão não se vinga, nem permite que Marco Bruto e o povo matem o traidor; ordena, pelo contrário, que o lancem fora das muralhas, já que lhe pesa a liberdade e prefere os ferros do domínio de César.

O Acto V representa o desenlace final: Catão, perante a chegada iminente dos exércitos de César, consola o povo em pânico, convence todos os outros a partirem e a salvarem a vida, pede a Marco Bruto que case com a sua filha Pórcia e, depois, suicida-se. Quando Décio chega com palavras de clemência da parte de César, encontra um Catão agonizante e escuta da boca de Marco Bruto a promessa de vingança (cena final do Acto V e final da tragédia).

Ante a leitura da tragédia e o rápido resumo, acabado de fazer, ressalta o facto de a acção se basear

em grande medida na parte final do *Cato Minor* de Plutarco. É o próprio Almeida Garrett que confessa o seu débito ao filósofo de Queroneia – bem como a Tito Lívio – nestas significativas palavras do “Prefácio da segunda edição” (1963: II 1614):

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influência e acção nas revoluções políticas, o habilitaram para entender agora melhor o seu Tito Lívio e o seu Plutarco. Assim comentados pela experiência de dez anos de revolução, estes dois grandes fanais da história antiga guiaram o autor da tragédia nas reformas que nela fez, no desenho de seus caracteres, e no colorido de muitas cenas...

Acusado de ter imitado o *Catão* de Addison, publicado uns anos antes, Almeida Garrett, na “Carta a um amigo”, publicada na primeira edição, sublinha as diferenças entre as duas obras, justifica as possíveis semelhanças e indica os passos imitados (1963: II 1621-1631). A tal propósito, refere que, apesar da muita disparidade, tem o seu *Catão* «expressões, versos inteiros imitados de Addison», embora raros, porque umas são boas e outros belos. Considera, no entanto, que «a semelhança decerto mais a produziu a comum leitura de Plutarco do que nenhuma outra coisa» (1963: II 1615) que trabalhou afirmações corroboradas pelo seguinte passo do “Prefácio da Terceira Edição” (1963: II 1618):

Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrúpulo no aperfeiçoar deste drama, procurando

sobretudo dar-lhe aquele sabor antigo romano que até já nos derradeiros escritores latinos estava perdido.... Para esse fim somente, para me familiarizar e pôr, como se fora de casa, com os meus autores, traduzi de Plutarco as vidas de Catão (o menor ou uticense) e de César. Pesa-me que os limites circunscritos do volume me não deixem inserir aqui ao menos a primeira. Julgar-se-ia melhor da sinceridade e boa fé com que procurei transfundir, em suco e sangue para a verdade dramática, a verdade e exacção histórica de que aquela outra vive, isto é, a dos costumes e caracteres.

Se o débito da tragédia em análise a Plutarco reside em especial na ambiência que Almeida Garrett transmitiu à sua peça e no modo como trabalhou as personagens, sobretudo o herói de Útica, não se queda por aí. São muitos os passos que apresentam significativas identidades com outros tantos trechos das *Vidas* de Plutarco. E é o próprio autor do *Frei Luís de Sousa* que indica, nas notas que pospõe à tragédia (1963: II 1745-1761), as fontes do seu Catão e os paralelismos existentes entre essa tragédia e a obra do biógrafo de Queroneia – ao todo enumera 22 passos que foram beber às *Vidas* de Plutarco, remetendo para diversas delas. Na impossibilidade de estudar, por escassez de tempo, todos os passos em que essa influência se manifesta, vou apenas analisar dois ou três deles. Começemos pela Cena 1 do I Acto em que alude às forças que escaparam à derrota de Pompeu em Farsália e se vieram juntar aos parques efectivos que se recolheram a Útica:

Nossas legiões tão poucas, tão cansadas,

Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu.

Trata-se de um passo que pode ter subjacente os caps. 57 e 58 do *Cato Minor* de Plutarco e *A Vida de Pompeu*, como a próprio Garrett informa na nota A à tragédia.

Na cena 2 do mesmo Acto (1963 II: 1645), em monólogo pronunciado por Mânlio, pergunta-se pela liberdade:

Liberdade! – Qu'ê dela, a liberdade?
Quanta nos deram Mário e Sila? – Quanta
Nos daria Pompeu se triunfante
Com suas legiões Volvesse ao Tibre!
Roma, Roma, os teus dias são contados;
Tu queres um senhor: tê-lo-ás. Os Quíncios
Já não voltam. Sem honra, sem virtude,
Sem aquela pobreza santa e livre
De Fabrício, onde vai a liberdade!
Marco Túlio venceu a Catilina;
E hoje – molemente passeando
Em seus jardins de Túsculo, revendo-se
Em mármore de Atenas, manso e quedo
Filosofando vai.

Esta fala de Mânlio tem subjacentes passos ou informações de várias vidas de Plutarco. Por exemplo, *Pompeu*, *Pirro*, *Cícero*.

Na Cena 4 do Acto II (1963 II: 1673), quando Décio, enviado de César, lhe vem propor amizade e paz da parte do ditador, Catão altivamente apresenta as suas condições:

Desarme as legiões, deponha a púrpura,
Abdique a ditadura; à classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
A sentença de Roma. – Então eu próprio,
Quanto inimigo fui, cordial amigo,
Seu defensor serei.

Este passo tem paralelismo com episódio semelhante que vem contado no *Cato Minor* de Plutarco (64. 7-9), em que Catão proclama que é César quem tem de pedir desculpas, mas aí os interlocutores de Catão são os Trezentos Senadores de Útica:

São os vencidos que devem suplicar e os culpados pedir perdão. Ora eu nunca fui vencido, durante toda a minha vida; pelo contrário, fui mesmo vencedor, quanto o quis, e superei César em honradez e justiça. É, pois, César que se rebaixou e que foi vencido, já que, se ele negava antes que agia contra a pátria, agora reconheceu-se culpado, apanhado no acto de delito.

Mas não é apenas Plutarco que subjaz ao texto do *Catão*, também encontramos, num passo da Cena 2 do Acto V, a apar do débito ao *Cato Minor*, intertextualidades de Platão, sobretudo do *Fédon* – teoria das ideias e da reminiscência, imortalidade da alma (1963: II 1719-1720):

Consolaste-me, Sócrates: não morre
Com este corpo o espírito que o anima.

Já não me prendem dúvidas; fuja
Do vil cárcere: a morte só é termo
Da vida, – da existência não... No íntimo
D'alma o pôs Deus o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver continuo
De esp'ranças, este ansiar pelo futuro,
Este horror da aniquilação, e o vago
Desejo de outra vida mais ditosa,
O que são? – Indistintas, mas seguras
Reminiscências da perdida pátria.
E saudades de voltar a ela.
Ver-te-ei, mansão dos justos! – O sepulcro
Não é jazigo é estrada. – Convenceste
A minha alma Platão

Mas mesmo estas referências encontram parcial explicação no *Cato Minor* de Plutarco, como se pode ver nos capítulos 68-70 que resumo: dizem esses capítulos que Catão se despediu com afecto do filho e amigos – o que fez desconfiar das suas intenções – e em seguida começou a ler o *Fédon* de Platão (68.2), ou, como diz o texto de Plutarco, «o diálogo de Platão sobre a alma» (τῶν Πλάτωνος διαλόγων τὸν περ). Percorrido a maior parte do livro, levantou os olhos e não viu a espada no local onde a colocara – tinha sido retirada pelo filho, receoso do que pudesse intentar. Catão pergunta a um escravo quem tinha levado a espada e, perante o silêncio dele, pôs-se de novo a ler (πάλιν ἦν πρὸς τῷ βιβλίῳ). Esperou breves momentos e depois, como se não estivesse pressionado nem impaciente, ordenou que lha trouxessem. Perante a desobediência

dos servos, exasperado começa a gritar que tinha sido entregue nu ao inimigo (παραδίδοσθαι τῷ πολεμίῳ γυμνός) pelo próprio filho e pelos escravos. Pórcio acorre então, a chorar, com os amigos, e lança-se-lhe ao pescoço. E o pai, com ar severo, pergunta se acaso consideram que le perdeu a razão sem o notar (λέληθα παρανοίας ἤλωκώς), já que cada um, sem procurar esclarecê-lo ou dissuadi-lo, o quer impedir de seguir a sua ideia e vontade. Diz por fim ao filho por que não lhe ata as mãos até que César chegue. O filho retira-se em lágrimas e, passados momentos, um escravo vem trazer a espada, que Catão examina. Certo de que estava em ordem, pega de novo no Fédon e continua a leitura antes de se suicidar. O médico, aproveitando o desfalecimento momentâneo de Catão ainda tenta tratá-lo, suturando-lhe a ferida. Mas, ao recuperar a razão, o Uticense afasta-o e reabre-a.

O passo de Plutarco contém identidades com o de Garrett, mas não alude à teoria das ideias e da reminiscência, que aparece no autor português. Além disso, descreve o episódio da espada escondida e da tentativa de cura, de que Almeida Garrett se faz eco, mas em outro momento da acção – cenas 9, 10 e 11 do Acto V (1963 II: 1739):

Catão, quando vai agarrar na espada para se suicidar, não a vê no lugar em que a colocara. Então dirige-se com estas palavras duras a Mânlio, Marco Bruto e Juba:

.....Traidores!

Que fizestes! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mãos atadas,
Aos algozes de César, ou à infâmia
Pior, maior, do seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,
Vos renego.

Mânlio, comprometido – pois fora ele que escondera a espada – regressa com ela e entrega-lha. Catão então fere-se no peito e desfalece. Marco Bruto, Mânlio e Juba aproveitam a ocasião para lhe estancar o sangue. Ao voltar a si, pergunta por que o não deixam morrer, lançando de imediato as mãos –á ferida e abrindo-a num último esforço.

A cena repercute o passo do *Cato Minor* de Plutarco em que o biógrafo, ao dar pela falta da espada, pede aos escravos que lha tragam. Perante a desobediência destes e do filho que a havia escondido, Catão exasperou-se e começou a gritar «que ele tinha sido entregue nu ao inimigo pelo filho e pelos escravos, até que seu filho, em lágrimas, correu com os amigos e, lançando-se-lhe ao pescoço, soluçava e suplicava» (68.4). Em seguida fere-se.

Vários outros exemplos poderíamos dar, mas o que atrás fica dito é suficiente para podermos concluir que, na tragédia *Catão* de Almeida Garrett, o débito a Plutarco é significativo e não se limita apenas à vida de Catão de Útica, mas estende-se a várias outras vidas. Apesar de presente em diversos passos, essa influência observa-se, no entanto, sobretudo na ambiência geral da peça e nas figuras.